



VII SEMANA
TEOLÓGICA
TEMA: "MEDELLÍN 50 ANOS:
MEMÓRIA, PROFECIA E PERSPECTIVAS"
DATA: 22 a 26 de Outubro de 2018



QUEM MATOU JESUS? UMA BREVE ANÁLISE DA OBRA DE JONH DOMINIC CROSSAN

Patrícia Batista Barra Medeiros Barbosa¹
Marcílio Oliveira da Silva²

RESUMO

Para a maioria dos cristãos, a crucificação é o episódio mais marcante da vida de Jesus. Para os historiadores, o único ponto de sua história que pode ser dado como certo. O presente trabalho objetivou fazer uma breve análise da obra *Quem Matou Jesus? As raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus* escrita por J. D. Crossan. Interessado na reconstrução históricas das narrativas da paixão, o autor pretende não apenas explicar as origens do antijudaísmo, mas fornecer subsídios para corrigir o que considera ser a maior injustiça feita aos judeus: a atribuição da culpa pela morte de Jesus. Contrapondo-se a obra R. E. Brown, *A Morte do Messias: um comentário sobre as narrativas da paixão nos quatro evangelhos*, o autor apresenta suas hipóteses de trabalho, das quais três são apresentadas nesse texto: 1) As narrativas da paixão são predominantemente profecias historicizada; 2) Existe apenas uma única fonte independente da narrativa da paixão; 3) Essa fonte independente é o Evangelho da Cruz, que pode ser extraído do Evangelho de Pedro. O Evangelho da Cruz revela que os primeiros cristão atribuíram a responsabilidade da morte de Jesus as autoridades religiosas judaicas, não o povo judeu, que deliberadamente ocultaram a verdade sobre o Messias. O antijudaísmo primitivo existiu como um embate decorrente do florescimento do cristianismo no seio do judaísmo, fomentado pelas perseguições que atingiram as primeiras comunidades cristãs. Mas extrapolou a esfera religiosa e adquiriu valores desproporcionais quando no século IV o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano. Sendo esse fato, o alinhamento com as estruturas de poder, a real fonte do antissemitismo.

Palavras-Chave: Cristologia. Evangelho da Cruz. Narrativas da paixão

INTRODUÇÃO

Quem Matou Jesus? As raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus foi escrita pelo teólogo Jonh Dominic Crossan, um dos mais influentes pesquisadores contemporânea sobre o Jesus Histórico. A obra é composta por sete capítulos, além do Prólogo e Epílogo, cada um destinado a um tema específico: 1 Crime, 2 Prisão, 3 Julgamento, 4 Ofensas, 5 Execução, 6 Sepultamento, 7 Ressureição.

Ao reconstruir historicamente as narrativas da paixão de Jesus, Crossan almejou não apenas explicar as origens do antijudaísmo que deram origem ao

¹ Graduanda em Teologia, Faculdade Diocesana de Mossoró. patriciabarra@uern.br.

² Mestrando em Teologia. Docente da Faculdade Diocesana de Mossoró. marcveni_4312@hotmail.com

antissemitismo, mas provar e corrigir a injustiça que tem sido feita aos judeus na atribuição da culpa pela morte de Jesus. Essa culpa até poderia ser aceita no âmbito do embate religioso, mas injustificada para além dessa esfera. As consequências do antissemitismo após o aparelhamento romano do cristianismo tornaram o embate desproporcional e letal. E as atrocidades realizadas nos campos nazistas reforçam a urgência de esforço máximos para o esclarecimento dessa questão, muito além dos espaço acadêmicos, em direção a todos que sendo verdadeiramente cristãos, possuam um coração e uma consciência a serem atingidas.

Ao longo do texto o autor faz uma paralelo com a obra *A Morte do Messias: um comentário sobre as narrativas da paixão nos quatro evangelhos* do teólogo *Raymond Edward Brown*. Brown também credita aos cristãos a atribuição da culpa dos judeus pela crucificação de Jesus, mas afirma que os materiais e métodos disponíveis limitam o conhecimento real dos fatos. Nas divergências Crossan constrói seis hipóteses de trabalho, das quais três são analisadas nesse texto: 1) As narrativas da paixão são predominantemente profecias historicizada; 2) Existe apenas uma única fonte independente da narrativa da paixão; 3) Essa fonte independente é o Evangelho da Cruz, e pode ser extraído do Evangelho de Pedro.

1 HISTÓRIA RELEMBRADA OU PROFECIA HISTORICIZADA?

A morte de Jesus é o fato mais certo sobre sua vida, pois foi registrada por historiadores contrários ao cristianismo, tais como Flávio Josefo (judeu) e Cornélio Tácito (pagão). Com base nessas fontes é possível afirmar que: Jesus liderou um movimento na Judeia; no reinado de Tibério, por causa desse movimento, Jesus foi acusado pelas autoridades judaicas e condenado a crucificação por Pôncio Pilatos, mesmo após a morte do líder o movimento resistiu e se expandiu.

Informações sobre a vida de Jesus e do movimento por ele iniciado estão contidos nos Evangelho canônico e fontes não históricas extra canônicas. Essas fontes não objetivam biografar a vida de Jesus. Escritos anos depois de sua morte, esses relatos focalizam nos seus ensinamentos e milagres/sinais, com vistas a animação e solidificação das primeiras comunidades cristãs.

Quanto aos últimos dias de sua vida, os quatro Evangelho canônicos trazem uma narrativa detalhadas da sua prisão, julgamento, execução e sepultamento, com diversos pontos em comuns e particularidades. Mas quanto desses relatos lido com



compaixão e atenção nas liturgias, em especial da semana santa, realmente nos aproxima dos últimos instantes do Salvador? O que pode ser historicamente atestado?

Utilizando uma metáfora matemática Crossan apresenta sua primeira hipótese. Para ele 80% da narrativa da paixão são profecia historicizada e apenas 20%, história lembrada. Na história lembrada os cristãos presenciam os eventos, registram na memória, passaram para a tradição e os recordaram na escrita dos relatos. Na profecia historicizada os cristãos utilizam suas Escrituras Sagradas para criar uma narrativa, dando-lhe o caráter de concretização profética. Uma narrativa 100% profecia historicizada é totalmente ficção, e 100% história lembrada, é uma fonte histórica. Então, para Crossan as narrativas da morte de Jesus pouco acrescentam as fontes históricas anteriormente citadas. Pensamento oposto ao de Brown que defende o predomínio de história lembrada.

Crossan acredita que os detalhes apresentados na narrativa da paixão são fictícios, pois os seguidores de Jesus não foram testemunhas oculares desses eventos. Todos fugiram. Não por falta de fé, mas por necessidade de proteger suas vidas. E mesmo que os camponeses tivessem tido acesso a detalhes da morte de Jesus não sabiam como registrá-los

O Movimento do Reino liderado por Jesus surgiu entre a classe dos camponeses iletrados e poderia ter se extinguido em algumas gerações se alguma liderança, pertencente a pelo menos um dos mais baixos escalões da classe dos escribas, não tivesse redigido a narrativa fonte das demais. E ao redigi-la não havia intenção de empreender discussões apologéticas polêmicas e nem fazer um relato histórico. O objetivo era compreender o presente e se preparar para os desafios futuros. Por isso eles se voltaram para o passado contido nas escrituras.

Encontrar e citar as escrituras de forma apropriada demanda habilidades literárias de escrita e exegese, formação erudita inacessível aos seguidores camponeses. Por isso o autor da primeira narrativa fez algo extraordinário. Selecionou uma dúzia de textos do antigo testamento vaticinando a paixão-vindicação de Jesus, combinando-os numa redação coerente de textos proféticos. Assim a proferia historicizada foi a base da narrativa. O processo de busca se desenvolveu, explicando as diferenças contidas nos Evangelho. A ausência de narrativas independentes reforça essa hipótese.



Por exemplo, a narrativa estrutural em que Jesus atravessa o Getsêmani, reza enquanto os discípulos dormem, é abordado pelo traidor, identificado e preso tem a mesma matriz de II Samuel 15-17. Jesus é retratado como o líder davídico ideal, e o que aconteceu a Davi no Velho Testamento torna-se um modelo para o que aconteceu a Jesus no Novo Testamento. A súplica angustiante encontra ecos no Salmo 42.

Para o julgamento, o Salmo 2 foi a base da construção. Nele se encontra a conspiração e oposição das autoridades, os títulos trazidos pela acusação (Filho de Deus, Ungido, Rei de Sião) e a confirmação de que a morte de Jesus seria vindicada por Deus. Mas o fim não seria o fim, e a vitória concedida por Deus é certa. Já a seção da crucificação se utiliza do Salmo 22 (presença de malfeitores, desprezo dos expectadores, sorte para repartir as vestes), com contribuições do Salmo 69 (vinagre). Os eventos naturais na hora da morte (escuridão na terra) derivam de Amós 8,4-6.

Além das escrituras, o rito de purificação do Dia da Expição foi aproveitado na narrativa. Nesse rito dois bodes são escolhidos. Um é destinado ao Senhor. O outro para a expiação. Sobre este recai todas as transgressões, pecados e iniquidades do povo. E enquanto é conduzido ao deserto, com uma lâ vermelha amarrada nos chifres, é vítima de maus-tratos. Os maus tratos foram inspirados em Isaías 50 e Zacarias 13.5 e 12,10

Outros trechos da narrativa sem caráter histórico foram adicionados como fruto da criatividade do autor original e dos seguintes, no processo de atualização e transmissão da mensagem. Como exemplos temos: o beijo de Judas, a morte trágica do traidor, a negação de Pedro e o rasgo no véu do Templo. O beijo confere dramaticidade ao desconcertante fato da traição e a morte trágica seria um destino adequado. Quanto a Pedro, a imagem do líder temeroso teria um efeito consolador para os seguidores arrependidos que tinham negado a fé em situações de perseguições. Por sua vez o rasgo do véu do templo no momento da morte de Jesus justificaria sua destruição sem resistência divina no ano 70 E.C, pois Deus já o tinha abandonado.

Mas a terrível morte de Jesus foi tão traumática para seus seguidores que não bastava selecionar antigas profecias bíblicas anunciando acontecimento futuros. Era necessário crias novas profecias do próprio Jesus, proclamando seu



conhecimento e a aceitação do seu destino (Mc 8,31; 9,31; 10,32-34), bem como a traição de um companheiro (Mc 14,18-21), a fuga dos seguidores (Mc 14,27-28) e a negação do amigo próximo (Mc 14, 29-31).

Então o que Crossan considera como histórico nas narrativas da morte de Jesus? Para ele, sobre o ponto de vista científico, os evangelhos pouco acrescentam as fontes já mencionadas. Mas alguns fatores merecem destaque. Deve mesmo ter existido um traidor entre os seguidores de Jesus. Essa situação vexatória tem pouca chance de ter sido imaginada. Todavia ele não foi um dos doze, porque esse grupamento simbólico de doze novos patriarcas substituindo os dozes antigos patriarcas judeus não ocorreu se não após a morte de Jesus. No mesmo sentido, a fuga dos companheiros é aceita, devendo naquele momento apenas Jesus ter sido preso e executado.

Quanto ao julgamento, é mais certo que não tenha ocorrido. Ao contrário de Paulo que era um cidadão romano, Jesus não era detentor de direitos que justificasse essa necessidade. Qualquer indivíduo que fosse considerado como agitador era rapidamente eliminado por Roma. E o estado de alerta era maior durante as festividades, em razão da concentração de peregrinos e do conteúdo das mensagens das celebrações (Pêssar, Páscoa, celebração da libertação) elevando o risco de rebeliões que precisavam ser rapidamente contidas (esmagadas).

Servindo como punição exemplar a crucificação era um ritual brutal. A crueldade desumana, a desonra pública e o sepultamento impossível estavam implícitos na pena. O crucificado perdia além da vida, seus bens e sua dignidade não lhe sendo concedido um ritual final. Os corpos ficavam expostos sob vigília e a remoção ao pôr-do-sol prevista em Deuteronômio (21,22-23) não era respeitada pelos romanos. Mas há indícios que corpos poderiam ser liberados por suborno ou permissões, o que não torna o sepultamento impossível, embora improvável.

Mas num ponto os Evangelho são fundamentais: no entendimento do movimento de Jesus e nas motivações da sua morte. Diante da importância como centro religioso, político, social e econômico, o ataque de Jesus ao Templo não deve ter passado de um tumulto entre outros já ocorrido. Mas revelou que Jesus tinha passado do discurso para a ação, mesmo que simbólica. Sendo hora de contê-lo.

Todavia nos relatos do julgamento a destruição do templo mesmo que reivindicada (Mc 14,55-59), não é mostrada como a causa da condenação. Uma vez



que o Templo fora fisicamente destruído na década de 70 E.C sem a ocorrência da parusia, a relação entre causa e condenação foi desaparecendo da tradição e se voltando para como os cristãos enxergavam Jesus (Filho de Deus, Messias, Rei de Sião) em oposição aos judeus.

2 DEPENDÊNCIA DAS FONTES NA NARRATIVA DA PAIXÃO DE JESUS

Embora concorde que Marcos é fonte para Lucas e Mateus, Crossan discorda de Brown sobre a independência de João. É fato que o Evangelho de João apresenta uma estrutura e uma profundidade teológica singular em comparação aos sinóticos. Crossan concorda que ele seria independente dos sinóticos em relação aos milagres e provérbios. Mas defende que a comunidade joanina sofreu pressões das circunvizinhanças para se conformar a ortodoxia dos sinóticos e a autoridade de Pedro. O simbolismo joanino foi forçado a se ajustar as narrativas sinóticas, acrescentando as tradições de João Batista no início e a narrativa da paixão no final.

Diferindo de Mateus e Lucas que fazem cópias literais com poucas adições, João realiza uma cuidadosa adaptação na superfície da narrativa, reconstruindo a figura do Jesus, dolorosamente humano de Marcos, para um Jesus serenamente transcendental. Marcos, imaginou como poderia ter sido a paixão de Jesus. João imaginou como deveria ter sido. Nenhum dos dois é histórico, mas ambos são verdadeiros no campo teológico. Mas identificação de sequências de intercalação próprias de Marcos (Mc 14,66-72) aceita por João (Jo 18,13-27), como no episódio da negação de Pedro (criação de Marcos) reforça a dependência das fontes. Dessa forma a visão antijudaica nos relatos de Marcos e João não tem caráter de confirmação, mas de dependência.

3 O EVANGELHO DE PEDRO E O EVANGELHO DA CRUZ

Considerando que João se utilizou de Marcos, diretamente ou por meio de Mateus e Lucas, essa seria a única fonte independente disponível. Embora aceite a plausibilidade dessa afirmação, Crossan, apresenta sua terceira hipótese: Os evangelhos canônicos derivaram de uma fonte anterior a Marcos denomina de Evangelho da Cruz cujo núcleo original está contida no Evangelho de Pedro.

Embora o processo de derivação não possa ser explicado, a identificação dos núcleos independentes de Pedro (Evangelho da Cruz) poderia auxiliar na



compreensão de como a profecia historicizada se moveu através de Marcos, Mateus e Lucas para enfim chegar a João. Brown também concorda que o Evangelho de Pedro deve ser levado a sério, mas para ele o autor ouviu ou leu os canônicos e escreveu sua própria narrativa com base nessas lembranças, embora também tenha utilizando elementos populares independentes.

É fato que, comparado aos demais, o Evangelho da Cruz (EC) contém muito mais implausividades históricas, tais como a saída de Pilatos do julgamento, a condenação de Jesus por Herodes (sem poderes políticos em Jerusalém) e a condução da crucificação pelo povo (e não pelos soldados romanos treinados). Crossan justifica que sendo o texto mais primitivo, eram menores as preocupações com os detalhes históricos, os quais foram sendo corrigidos nas versões posteriores.

Mas sendo o EC o mais primitivo, como utilizá-lo para refutar o antissemitismo, já que para vários estudiosos, inclusive para Brown, ele seria o mais antijudaico, pois apresenta o protagonismo das autoridades judaicas na condenação de Jesus e do povo judeu nas ofensas e condução da crucificação?

Numa leitura atenta pode-se perceber que num primeiro momento o povo e as autoridades estavam unidos contra Jesus. Mas após presenciar os eventos que envolveram a crucificação, o povo começou a ser questionar e ter dúvidas (Pe 8,28). Mas as autoridades puderam tiveram acesso a verdade, elas testemunharam a ressurreição. E além de não se arrependeram, esconderam a verdade, enganaram os judeus (Pe 11,47). Essa seria a contribuição fundamental desse Evangelho. Ele revela que o povo judeu também foi vítima de suas autoridades. Dessa forma o texto é mesmo o mais antijudaico, mas com as autoridades. Os demais estão “no escuro” por falta de luz, por isso não tem como odiá-los. A necessidade é de ilumina-los.

Todavia um grave problema persiste. Como explicar a inocência romana? A retirada de Pilatos do julgamento e seu retorno apenas após a crucificação não tem nenhuma credibilidade histórica. Mas a narrativa da paixão não buscava apenas historicizar a profecia. Sua função seria também atualiza e populariza a mensagem, trazendo elementos do passado e experiências presentes para fundamentar a esperança no futuro. Crossan acredita que o EC foi composto precocemente em meados do século I (década de 40), fora da Palestina e eventos ocorridos naquela época podem oferecer indícios das motivações redacionais.



Um deles envolveu o Governador Petrônio da Síria (entre 39 -42 E.C), que evitou uma revolta na Judéia ao atrasar uma ordem de Calígula para colocar uma estátua do imperador no Templo, diante da disposição maciça dos judeus para o martírio. Por seu ato foi condenado ao suicídio, mas sua sentença só chegou após o assassinado do imperador, o foi visto pelos judeus como uma intervenção divina.

Além disso, período de 41 a 44 E.C, a Judeia e Samaria foram governadas não diretamente por Roma, mas por Herodes Agripa I que recebeu de Calígula e do seu sucessor, Cláudio, o título de Rei do Judeus. Na contramão do exemplo romano anteriormente citado, Herodes perseguiu implacavelmente os cristãos (Atos 12, 1-3). Diante da perseguição dos irmão (judeus), as atrocidades dos pagãos pareciam menos escandalosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma linguagem acessível e um elevado número de fontes, cujos textos são transcritos ao logo da obra, facilitando a leitura, Crossan consegue mostrar que esmerados tratados acadêmicos podem ser acessíveis ao público em geral, sob pena de perderem sua razão de ser, não alcançarem efeitos plenos.

É bem verdade que observando alguns de seus posicionamentos hora explícitos (o julgamento de Jesus é uma implausível historicamente) ou implícitos (Jesus foi mesmo sepultado?), é possível que em terreno não preparado suas palavras possam resultar em dúvidas e confusão. Mas para além do cuidado que credencia sua obra, fruto de uma pesquisa séria e fundamentada, no seu objetivo primário está sua principal contribuição. Crossan nos obriga a enxergar que não há espaço na mensagem e na vida de Jesus para ressentimentos e injustiças. Se, mesmo dispensando confirmações históricas cremos fielmente que na cruz Jesus perdoou a todos seus inimigos como podemos utilizar as escrituras para justificar atrocidades? (e por que repetidamente o fazemos?)

Quem Matou Jesus? Seguindo um caminho diferente dos evangelhos Canônico, também nos aproxima e nos desafia ao seguimento livre e integral de Jesus, com nossa racionalidade, fragilidades e fé. E nos alerta para o risco e perigos da ganância humana tão arraigados nas estruturas do poder.



REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2016.

CROSSAN, Jonh Dominic. **Quem Matou Jesus?** As raízes do Anti-semitismo na história Evangélica da Morte de Jesus. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

